

## **O CEMITÉRIO DOS PRETOS NOVOS**

Elisiana Trilha Castro\*

PEREIRA, Julio Cesar Medeiros da Silva. *À flor da terra: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

Em 1996 durante a reforma de uma casa na Gamboa, zona portuária do Rio de Janeiro, ossos afloraram no terreno desta residência. O ocorrido trouxe à tona uma história sepultada por anos: a do Cemitério dos Pretos Novos. Este Cemitério encontrado é o tema do livro *À flor da terra: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro* do historiador Júlio César Medeiros da Silva Pereira, pesquisa vencedora do Concurso de seleção de monografias do Arquivo Geral do Rio de Janeiro/Prêmio Afonso Carlos Marques dos Santos 2006.

O livro é a versão corrigida de sua dissertação de mestrado defendida em 2006, no programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O pesquisador apresenta nesta obra uma proposta inovadora ao abordar o tema da escravidão tendo como fonte um cemitério do Rio de Janeiro, na região do Valongo. Um lugar que abrigou africanos que morriam ainda nas embarcações ou imediatamente após o desembarque, antes de serem vendidos como escravos.

Em suas 201 páginas o autor apresenta um espaço ainda pouco visitado por diferentes pesquisadores, inclusive, os historiadores. Por meio do modo como eram sepultados os escravos recém chegados, Julio Cesar busca aproximar-se do cotidiano escravista para apreender como os homens e mulheres se relacionam entre si e, no caso específico de sua pesquisa, se relacionam com um de seus momentos, a morte.

---

\* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: elisiana.castro@yahoo.com.br

O Cemitério dos Pretos Novos foi fundado em 1722 no largo da igreja de Santa Rita e em 1769 por ordem do Marquês de Pombal foi transferido para a região do Valongo. O Cemitério dependia do tráfico de escravos transatlântico para existir, sendo que o fim do tráfico legal causou o seu fechamento em 1830. Ele estava diretamente relacionado com a sociedade da qual fez parte, uma sociedade escravista onde o escravo recém chegado ocupava o último lugar na hierarquia social.

A obra apresenta um cemitério com sepultamentos que ocorriam de maneira desordenada e, muitas vezes, eram feitos de forma coletiva em covas rasas onde a terra deixava à mostra os corpos em decomposição. Os sepultamentos ali realizados não atendiam aos preceitos de um sepultamento cristão, mesmo sendo os escravos, em sua grande maioria, batizados.

Dentre os diferentes aspectos abordados na pesquisa está a questão do cemitério ser ou não um espaço reconhecido e administrado pela Igreja, que neste momento, era a instituição responsável por todos os momentos da vida de um cristão, dentre eles, a morte. O pesquisador mostrou que o Cemitério dos Pretos Novos estava sob a administração eclesiástica não sendo, portanto, um cemitério clandestino, o que poderia, em grande medida, justificar o modo como os escravos eram ali deixados.

Durante a sua existência o Cemitério foi alvo de protestos, principalmente, por parte dos moradores vizinhos que reclamavam da visão de corpos mal sepultados e exigiam sua retirada para um lugar mais remoto. O mau estado do Cemitério está presente nos relatos dos navegantes que passaram pelo Rio de Janeiro no século XIX, que juntamente com documentos paroquiais e jornais compuseram o conjunto de fontes utilizado na pesquisa. O corpus documental da pesquisa está centrado, principalmente, no livro de óbitos da freguesia de Santa Rita de 1824 a 1830 encontrado no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Também foram utilizadas as cópias dos abaixo-assinados de vários moradores do Valongo, que pediam o fim do Cemitério e uma resposta das autoridades sobre seu estado.

Tendo como seus recortes, a morte e a escravidão, o autor aborda seu tema dialogando com autores como Philippe Ariès, Michel Vovelle, João José Reis e Cláudia Rodrigues apresentando seus argumentos iniciais que versam sobre a temática da morte. Ele também dialoga com autores da nova história cultural, como Roger Chartier e Carlo Ginzburg.

Para tratar da escravidão ele utiliza as pesquisas de Manolo Florentino e José Roberto Pinto de Góes, Laura de Mello e Souza e Mariza Soares e, por meio dos dados coletados por estes pesquisadores, busca uma melhor apreensão

do contexto que estuda. Fazendo uso de pesquisas históricas e também arqueológicas, o pesquisador cruza seus dados levantados com outras pesquisas para compor um universo de informações sobre os sepultamentos ali ocorridos. De forma detalhada o autor mapeia diferentes informações acerca do funcionamento do Cemitério, como por exemplo, as causas *mortis* e a origem dos escravos ali sepultados utilizando também como fonte o acervo encontrado no levantamento feito pelos arqueólogos quando foi descoberto o Cemitério.

Tendo o aporte de importantes pesquisadores o livro aborda uma das muitas faces do escravismo brasileiro, uma pouco contada, que se evidencia no descarte e no apodrecimento de corpos mal sepultados à flor da terra. E ao se deparar com o cenário deste Cemitério, muitas questões se apresentaram ao longo de sua obra como: Por que os escravos recém-chegados recebiam um sepultamento precário? O que fazia com que tais escravos recebessem esse tratamento? Quem foram os tais pretos novos?

Para responder a tais questões o trabalho é organizado em quatro capítulos nos quais Júlio Pereira aborda a trajetória deste local de sepultamento mal visto na cidade do Rio de Janeiro e é por esta cidade que o livro começa. A capital do Império no século XIX, insalubre e espremida entre morros e mangues, é apresentada no *Capítulo 1- Religiosidade e morte: lugares fúnebres do Rio de Janeiro dos séculos XVIII e XIX* no qual ele aborda as representações da morte, em uma cidade com graves problemas habitacionais, onde a vida estava constantemente ameaçada por diferentes enfermidades. Neste contexto os que mais sofreram com a mortalidade foram os escravos. Mas para os mesmos o acesso à sepultura digna, ou seja, dentro ou no entorno das igrejas como era costume na época, era algo a ser conseguido por meio das Irmandades. Mas os “pretos novos” não tinham tempo de recorrer à ajuda destas instituições e tinham como destino o indigno Cemitério.

No capítulo 2 intitulado *O Cemitério dos Pretos Novos e o seu entorno* o pesquisador aborda a particularidade do Cemitério dos Pretos Novos e seu lugar na sociedade escravista. Por sua condição e apresentação, o capítulo aborda as constantes reclamações feitas pelos moradores que exigiam do poder público sua retirada. A partir do livro de óbitos Santa Rita, Julio Cesar verificou que de 1824 a 1830 foram sepultados 6119 escravos, ou seja, mais de 1000 sepultamentos por ano o que confirmou as reclamações sobre a superlotação, dado que o Cemitério tinha tamanho equivalente a um campo de futebol.

No terceiro capítulo, *História e arqueologia: revelações e redescobertas* são levantadas as causas *mortis* dos escravos, a faixa etária, o sexo dos enterrados e a relação do tráfico com o conseqüente fechamento do Cemitério. O pesquisador considera como um dos maiores desafios explicar o motivo do seu

fechamento em 1830 e a sua pesquisa mostra a trama que relacionava este local com o comércio intercontinental de escravos. Com a proibição do tráfico tudo que estava ligado com o mesmo foi sendo apagado do cenário carioca e conseqüente, o Cemitério deixa de ser utilizado. Uma grande camuflagem, como destaca o autor, dado que o tráfico manteve-se mesmo com a proibição e os traficantes passam a utilizar outros locais para o enterro dos pretos novos, dentre eles, o Cemitério da Ladeira da Misericórdia.

O quarto e último capítulo cruzou o mar. Intitulado *Viver e morrer na África* ele aproxima o leitor das crenças sobre a morte desses escravos que, em sua maioria, vinham de Benguela e de Angola e eram de origem banto. Esta viagem até a África é vista pelo pesquisador como possibilidade de perceber as experiências dos escravos ao saber do destino que era reservado aos seus mortos, já que o Cemitério era visto por todos que chegavam ao porto. Neste capítulo o leitor se depara com uma cultura onde a morte desejada era a morte idosa, que contrastava com a morte na juventude ou por suicídio, assassinato ou vítima de catástrofes naturais, todas consideradas como “a má morte.” Neste contexto também o culto aos ancestrais era essencial para a manutenção da vida e os cadáveres sem sepultura representavam um perigo, algo presenciado por todos no Cemitério dos Pretos Novos. Todos que adentravam na região do Valongo, não só os moradores e viajantes, mas também os escravos, viam o cenário de corpos decompondo sobre o chão em covas rasas.

Em seus quatro capítulos, um outro lado do escravismo, tão conhecido por abusos contra o corpo vivo dos escravos se revela: as ações contra o corpo morto destes homens e mulheres escravizados. Diante do caos que dominava o espaço e das práticas e crenças existentes neste período, tanto no Brasil quanto nas trazidas pelos africanos, o autor destaca que o Cemitério dos Pretos Novos era para os escravos, o fim da trajetória material e imaterial de suas existências.

Seu livro prima pela pesquisa que faz ‘reviver’ o Cemitério e sua história ligada aos maus tratos recebidos pelos escravos, por meio do sepultamento desrespeitoso, que não lhes dava ao menos o direito a um espaço de terra. O leitor depara-se com um local que não cumpre os ritos previstos em um sepultamento ‘ideal’ naquele período. Um modo de sepultar que não finda com o fechamento deste Cemitério, dado que os escravos que passaram a ser sepultados em outros cemitérios ainda enfrentavam em seu destino final a mesma situação encontrada no Cemitério dos Pretos Novos.

É uma obra que se destaca por seu olhar inovador que adentra um dos momentos menos visitados nas pesquisas históricas: o momento do fim. Ela oferece subsídios para novas abordagens sobre a escravidão, tema bastante discutido na historiografia, que em seu estudo é revisitado pelo relato de um

lugar rejeitado, mas integrante da lógica do comércio de ‘carnes’ no Rio de Janeiro.

Depois das escavações o autor se engajou na preservação da memória desenterrada ao acaso durante as reformas de uma casa e o local foi transformado em sítio arqueológico. Atualmente no local funciona um Centro Cultural e Julio Cesar coordena desde 2005 o “Projeto de Revitalização do Instituto de Pesquisa Pretos Novos.”